

TRADUÇÃO/TRANSLATION

Tradução de Oswaldo M. RAVAGNANI¹

Apresentação

A Lenda dos Taria que aqui vai traduzida foi coletada por Ermanno Stradelli e publicada na Itália, no volume 6 da *Memoria della Società Geografica Italiana*, em 1896, às páginas 141-8. Quarenta anos depois, Luís da Câmara Cascudo, na obra *Em memória de Stradelli 1852-1926*, Manaus, 1936, 117 páginas, faz um comentário pouco interessante sobre os índios Taria (p. 69-72) e um resumo desta lenda, às páginas 73-5. A segunda edição desta obra foi acrescida com um novo capítulo, "Trinta anos depois...", e publicada pelo governo do Estado do Amazonas, em 1967, na Série Euclides da Cunha, em Manaus.

Posteriormente, o mesmo autor volta a tratar de Ermanno Stradelli na sua obra *Antologia do folclore brasileiro*, com uma pequena bibliografia que se repete no *Dicionário do folclore brasileiro*, verbete Stradelli, 2^a volume.

Câmara Cascudo, salvo engano, foi o único autor brasileiro que escreveu sobre Stradelli e suas obras nos três livros referidos.

Em 1964 o Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo dedicou o caderno n. 4 - "La leggenda del Jurupary e outras lendas amazônicas" - a Ermanno Stradelli. Além da apresentação, onde se repetem as parcas informações bibliográficas de Câmara Cascudo, há uma boa introdução do antropólogo italiano Ettore Biocca, professor da Universidade de Roma e que esteve entre os Taria em 1944. Foi ele que sugeriu e providenciou a transcrição das lendas de Stradelli ao Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. O referido caderno traz ainda três mitos: "La leggenda del Jurupary", "Pitiápo: lenda uanana" e "Leggenda dei Taria". Foi a primeira reedição desta última lenda e a primeira edição no Brasil, embora ainda em língua italiana.

1. Departamento de Antropologia, Política e Filosofia - 14800-900 - Araraquara - SP.

Agora, transcorridos 96 anos da primeira edição na Itália e 32 anos da brasileira, resolvi traduzi-la e publicá-la para que possa ser melhor conhecida, estudada e divulgada.

Lenda dos Taria

Ainda são lembradas na aldeia as guerras que os Taria² tiveram com os seus vizinhos habitantes próximos deste rio.

Bopé era chefe naquele tempo e a sua tribo era tão numerosa como os cabelos da sua cabeça. Um dia ele disse aos seus: "Amigos, as nossas mulheres são poucas e não são suficientes para que cada um tenha a sua; por isso, para que todos tenham o coração alegre, permito-lhes que se casem com mulheres das outras tribos".

Imediatamente todos os jovens Taria foram procurar mulheres nas tribos vizinhas; e, como não podiam ficar na terra das suas mulheres, trouxeram-nas à sua aldeia.

Bopé costumava dançar todas as noites a dança do Jurupari³ na casa a isso destinada, e os homens todas as noites abandonavam as suas mulheres.

Essas mulheres, todas jovens, logo ficaram insatisfeitas com isso. A própria filha de Bopé, Uauhy, também ficou. Não se lamentavam muito, esperando que isso mudasse, mas os homens continuavam do mesmo jeito.

Passadas duas luas, Uauhy as aconselhou a fugir e este conselho foi posto em prática: fugiram todas.

Imediatamente Bopé mandou os seus maridos procurá-las e estes voltaram três luas depois com as fugitivas.

Quando chegaram, Bopé lhes disse: "Não fujam a segunda vez, não queiram que o meu coração fique amargo, porque então vou mandar jogá-las todas na cascata, alimento aos peixes".

Elas, ofendidas, responderam: "Tuxaua, nós não queremos ficar em uma aldeia onde as mulheres não são admitidas para dançar com os seus maridos. Deixe-os vir conosco nas nossas terras, nós não queremos habitar uma aldeia que tem tão feios costumes; lá tudo é melhor".

Bopé não respondeu, e as mandou jogar todas na cascata, alimento aos peixes.

Entre os Taria havia um homem, parente daquelas mulheres, que rapidamente retornou para os seus e contou o acontecido.

2. Sobre os Taria ou Tariana e sobre as outras tribos mencionadas nesta lenda, veja a Memória do mesmo autor, "L'Uaupés e gli Uapés", no *Boletim* de 1890, fasc. V, p. 425-53.

3. Cf. sobre o Jurupari, *Boletim* de 1890, fasc. V, p. 452, e a lenda publicada no *Boletim* de 1890, fasc. VII-VIII, p. 659 e fasc. IX, p. 798.

Jauhixa, tuxaua dos Arara, soube do fato e imediatamente disse: "Eu irei vingar aquelas mulheres".

Bopé tinha um filho que andava ainda de cavalinho⁴ no Macu. Um dia este foi à floresta para recolher mel. O Macu subiu numa árvore e deixou o menino em baixo. Nisso chegou Jauhixa com os Arara e o matou.

Quando o Macu desceu, encontrou o menino morto, transpassado de flechas. Pegou-o e levou-o a Bopé, a quem narrou o acontecido.

Bopé, após pegar um curabi,⁵ já estava para matá-lo, quando a esposa, detendo-lhe o braço, disse-lhe: "Por que quer matar o nosso Macu, que não tem culpa do que fizeram os nossos inimigos? Se fosse ele o matador, não teria voltado".

Bopé calou-se e se pôs a beber caxiri. Três dias depois, sepultou o filho, mas antes disse estas palavras: "Ó Pucudáua, chorarão a sua morte tantos inimigos quantos são os cabelos que você tem na cabeça".

Depois disso, voltou-se aos seus e perguntou: "Ouviram isto que prometi a meu filho?".

E estes responderam: "Ouvimos, e assim será feito".

E Bopé mandou preparar em quantidade flechas, curabi, escudos, fundas e cuidar,⁶ para estar em condição, com a nova lua, de mais tarde atacar os seus inimigos.

Aqueles que deviam fazer os escudos começaram imediatamente a matar muitas antas para tirar delas a pele. Em pouco tempo tinham matado tantas que o tuxaua destas reuniu em torno de si as sobreviventes e lhes disse: "Amigos, em pouco tempo exterminam-nos se continuarmos assim. Acho bom fazermos aos Taria um dabucuri de omari⁷ para ver se conseguimos que parem de nos matar".

E assim fizeram.

No dia seguinte, os Taria ouviram os sons do monabo⁸ que chegavam pela trilha grande. Imediatamente disseram entre si: "Quem pode vir nos oferecer dabucuri?".

Pouco depois aparece uma porção de gente, trazendo cada homem um cesto cheio de omari. Era gente bonita e exalava um bom odor de omari.

Quando entregaram os omaris, o tuxaua deles falou: "Amigos, nós somos boa gente e lhes trouxemos omari para que possamos beber-lhes juntos o suco. Assim poderemos fazer todos os anos, se vocês não acabarem por nos matar a todos debaixo das nossas árvores".

Os Taria, maravilhados, perguntaram: "Mas quem são vocês?".

"Nós somos aqueles que há duas luas vocês matam sem piedade debaixo dos nossos omaris: somos antas."

4. "... che andava ancora a cavalcioni del Macu". (N. T.)

5. Curabi (em nheengatu): flecha de se lançar à mão, sempre envenenada.

6. Cuidaru: clava de guerra feita de madeira duríssima.

7. Omari: espécie de fruta muito oleosa.

8. Monabo: instrumento tocado nas festas às quais podem assistir as mulheres.

Somente então os Taria souberam quem eram, e disseram: "Agora que sabemos que vocês são gente como nós, não os mataremos mais".

Antes do amanhecer os recém-chegados saíram todos no terreiro e ali, um por um, foram se transformando em antas e entraram na floresta.

Quando todos os preparativos acabaram, Bopé fez a sua gente passar do outro lado do rio. Andaram, andaram, subindo até que chegaram ao riacho das Pupunhas. Lá, Bopé assoprou em cima de uma árvore de turi, a fez derrubar e com ela mandou preparar tochas. Assim, durante a noite, avançavam com a luz, e três dias depois chegaram à aldeia dos Arara.

Os Arara, quando os viram chegar, começaram a rir, e disseram: "Quem há de ter medo desses homens? Eis que vêm todos morrer nas nossas mãos como porcos. Ah, meus dentes, como devem entrar bem na carne de porco!".

Mal tinham acabado de falar assim e Bopé com a sua gente já assaltava o acampamento entrincheirado, surrupiando tudo.

Quando anoiteceu, os Taria tinham matado todos os guerreiros Arara, só Jauhyxa estava ainda vivo e as mulheres.

Bopé, entrando na casa, disse: "Jauhyxa, aqui estamos frente a frente, vejamos quem é mais forte, isto é melhor que mandar matar crianças!".

E imediatamente saiu do meio das mulheres a esposa de Jauhyxa; colocando-se na frente de Bopé e as suas gentes, abaixou-se e, escarnecendo-os, disse: "Eis aqui, miseráveis, onde podem fazer alvo".

E os guerreiros de Bopé, pensando que com tal ato aquela mulher quisesse fazer-lhes feitiçaria, a mataram, cobrindo-a de flechas.

Jauhyxa então fez alvo em Bopé, mas este agarrou e deteve a flecha com a mão. E Jauhyxa atirou uma outra e mais uma, e Bopé as desviou sempre e as deteve com a mão até que, cansado, gritou: "Jauhyxa! se não tivesse jurado matá-lo, poderia deixá-lo vivo, tanta compaixão tenho de você; mas o meu coração ainda chora muito a morte do meu filho; vamos, portanto, morra!".

E imediatamente arremessou contra ele o seu murucu, atingiu-o direto no coração e o deixou sem vida.

Desse modo restavam apenas as mulheres. E Bopé lhes disse: "Não tenham medo, ninguém lhes fará mal. Vivam, e, se alguma vez alguém vier entre vocês, conte-lhes como morreram os seus homens".

Depois, dirigindo-se aos companheiros, disse: "A lei do Jurupari proíbe sujar as nossas flechas no sangue das mulheres. Vocês já mataram uma, não quero que isto se repita".

Assim Bopé retornou com os Taria à sua aldeia.

No dia seguinte da chegada, Bopé começou a preparar o acampamento entrincheirado⁹ para proteger-se dos seus inimigos. Terminado o trabalho, Bopé reuniu todos

9. O acampamento entrincheirado indígena, dos quais vi ainda numerosos vestígios, era formado de um fosso largo e mais profundo do que um homem, circundado do lado interior por uma forte paliçada que com o fosso os Taria

os objetos de uso e os levou para dentro de uma grande casa de pedra, onde os manteve bem guardados, para que ninguém pudesse fabricar iguais àqueles.

Como os Arara eram cunhados (aliados) dos Uanana, estes quiseram vingá-los. Três luas depois, eles vieram atacar Bopé. Um dia, ao amanhecer, ele viu surgir ao pé da fortaleza os seus inimigos, e mandou imediatamente tocar o trocano para dar o sinal da batalha.

Os Uanana começaram a lançar flechas por cima da paliçada contra a casa interna, mas, como viram que assim não matavam ninguém, procederam ao assalto. Quando porém estavam concentrados em grande número próximo à paliçada, os Taria começaram a matá-los, atirando pedras contra eles.

O resto dos que não morreram por causa das pedras foi morto a golpes de cuidarú. Um único homem restou, e se salvou fugindo e trepando em uma grande árvore de comá¹⁰ de onde só desceu alta noite e se embrenhou na floresta para se dirigir à sua terra.

Após muitos dias de marcha o fugitivo não podia mais continuar, tamanha era a fome. Ele havia criado uma anta e todos os dias ia buscá-la na floresta, até que, quando já não agüentava mais isso, foi encontrar-se com ela, e lhe disse: "Meu xerimbabo,¹¹ se você me quisesse bem, não me deixaria morrer de fome; e se você fosse gente iria procurar beiju para mim".

A anta, contam, imediatamente foi à aldeia e lhe trouxe comida. Desde então, todos os dias passou a fazer o mesmo.

As Uanana esperavam no entanto os seus maridos e preparavam caxiri para festejar o retorno deles.

Mas já tinha passado o tempo fixado e elas, tomadas de triste pressentimento, disseram entre si: "Os nossos maridos não voltam, será que não morreram todos?".

Mal acabaram de dizer isto e a anta regressou, pegou um beiju e virou-se para voltar à floresta. As mulheres perceberam e rapidamente foram atrás dela. Assim, no meio da floresta, encontraram aquele homem e perguntaram: "Onde ficaram os nossos maridos que estavam com você?".

"Morreram todos" - respondeu - "sob a trincheira de Bopé."

"Bopé, depois de ter matado todos, mandou atirar os corpos dentro do córrego Hâinan-Cipáua, onde apodreceram, produzindo vermes e vermes em grande quantidade. Quando choveu, aqueles vermes foram levados pelo córrego ao rio, e eram tantos que o cobriram."

chamam Uaioró; no terreiro interior há uma casa para os defensores, chamada Ipiçarinón. Em alguns pontos estes acampamentos entrincheirados formavam um verdadeiro sistema de defesa, que abrangia uma extensão respeitável. Os Taria, que aparentemente não o conheciam senão depois das primeiras guerras com os Uanana, segundo a tradição, acrescentaram à casa interna um subterrâneo.

10. Comá: planta que destila por incisão uma quantidade de caucho ou borracha, cujas frutas assemelham-se às sorvas.

11. Xerimbabo é o animal doméstico e criado em casa, que já quase faz parte da família. Um xerimbabo não se come nem mesmo em caso extremo.

As Uanana, quando souberam da morte dos seus maridos, resolveram vingá-los.

"Não pensem os Taria que acabaram os Uanana sobre a terra: nós também mulheres Uanana sabemos combater!"

Mulheres das tribos vizinhas, que estavam no meio delas, disseram: "Nós também iremos com vocês acompanhadas de nossos maridos!"

Então mandaram chamar Dessana, Tucána, Arapasso, Cubéna, para irem todos unidos atacar Bopé.

Bopé sabia de tudo, porque tinha espões entre os inimigos, que lhe contavam o que acontecia lá. Guardou os objetos preciosos e os de uso na casa de pedra, para que os outros não aprendessem a fabricá-los, e esperou.

Todas as noites ia na beira do rio, fazia um funil de folha, cuspiam aí e assoprava dentro, deixando-o ir depois com a correnteza.

Ele fazia assim para chamar outras pessoas para povoar este rio.

No fim daquela lua chegaram os seus inimigos. Os Taria os receberam da colina a golpes de flecha. Nenhuma flecha errava.

Quando os inimigos começaram a subir de novo, os Taria fizeram rolar sobre eles grandes troncos.

As flechas dos inimigos não chegavam a ferir os guerreiros de Bopé.

Após três dias os Taria desceram da colina e exterminaram os que ainda restavam.

Somente então viram que entre os mortos havia muitos corpos de mulheres Uanana.

E então Bopé disse: "O meu coração está triste, porque tingimos as nossas flechas no sangue de mulher. Deus porém é testemunha disso, como também o é Jurupari, que nós não sabíamos que lá entre os nossos inimigos houvesse mulheres. Bem disse Jurupari, jamais as mulheres terão juízo. O meu coração me diz que todos os nossos inimigos não estão ainda vencidos. Vamos atacá-los no território deles; não quero que pensem que nós somos fortes só quando estamos protegidos pelas nossas trincheiras!"

Então se puseram a caminho e chegaram à ilha dos Arara. Bopé se acampou e disse aos seus guerreiros: "Companheiros, no alto daquela extremidade, que chamam o Banco do Falcão, estão entrincheirados os nossos inimigos; amanhã nós devemos dormir lá".

Antes que o sol nascesse, já estavam aos pés da trincheira, onde foram recebidos por uma chuva de flechas.

Mas como estas, ricocheteando sobre os escudos de pele de anta, não faziam efeito, os defensores da trincheira começaram a rolar troncos de árvores sobre os inimigos.

Os Taria então, unindo os escudos como se fosse telhado, receberam os troncos, que rolavam sobre a superfície compacta, indo cair no rio.

Os Uanana, quando acabaram de rolar os troncos, pensaram ter matado todos os Taria, e gritaram: "Eh!".¹²

Então Bopé, voltando-se aos companheiros, disse: "Poupem o tuxaua e as mulheres". Os seus guerreiros respondem: "Eh!".¹³

Bopé pegou uma pedra, colocou-a na funda e lançou-a atingindo a cabeça de um Uanana.

Isto foi o sinal. Pedras e flechas caíram sobre os Uanana como chuva, até que, ultrapassada a trincheira, os Taria os matavam já a golpes de cuidaru.

O sol ainda não tinha chegado ao meio do céu e sobre o Banco do Falcão não havia mais quem resistisse.

As mulheres, pobrezinhas, e o velho chefe fugiram para se esconder dentro da água.

Quando os Taria conduziram as mulheres e o velho chefe à frente de Bopé, este disse: "Os seus cabelos brancos me fazem respeitá-lo. Eu bem sei que não foi por sua vontade que você lutou comigo; estas mulheres fizeram-no perder o juízo. Se eu o matasse diriam: 'Bopé, que mata os velhos, bem pode matar crianças'. Os velhos como você são outra vez crianças! Viva, e diga às suas mulheres que tenham juízo; foi por culpa delas que tantos corajosos encontraram a morte sob as minhas flechas. Diga-lhes que sejam prudentes, que não se intrometam em coisas que somente pertencem aos homens, ou todos serão exterminados".

E Bopé com a sua gente regressou a Jauareté e dali ao acompanhamento entrincheirado de Jurupari. Chegando lá, disse: "Agora todos são obrigados a dizer que nós somos os homens mais corajosos que vivem sobre a terra".

Dos poucos Uanana que ficaram vivos, alguns foram salvos embrenhando-se nas florestas, outros desceram o rio.

Muitos anos já tinham se passado quando um dia Bopé sonhou que se aproximava a morte e chamou seu filho, o mais velho, e lhe disse: "Querido, já são longos os meus dias, a velhice já me tirou a força. Logo devo morrer: Tapurinire me avisou.

"Quando eu estiver morto, enterre o meu corpo e chore a minha morte. Conserve a terra que lhe deixo, a honra do meu nome e a fama guerreira que a minha gente conquistou.

"A lei do Jurupari seja sempre a sua lei. Guarde o segredo da casa de pedra, não deixe ninguém entrar lá, mate quem quiser entrar".

Assim disse, e naquela mesma noite foi dançar Jurupari com todos os homens da tribo.

Duas luas depois Bopé adoeceu, e morreu na noite do dia em que a lua costuma ter a face grande.

Todos os presentes, quando morreu, viram sair do seu corpo um colibri que subiu direto ao céu.

12. Ehe, no texto. (N. T.)

13. Idem.

Naquele mesmo dia foram recolhidas todas as coisas que pertenciam a Bopé na casa de pedra.

Mas os filhos de Bopé eram muitos e os dois mais velhos começaram a brigar entre si. Cueánaca, porém, tinha juízo, e perguntou aos seus: "O que é que nós vamos fazer?".

"Deixar" - lhes responderam - "seu irmão e ir procurar uma outra terra; nós iremos com você."

E Cueánaca desceu com os seus o rio para fundar uma nova aldeia no Taracoa, próximo à foz do Tiquié.

Três dias depois, Cueánaca, tendo desenterrado os ossos de Bopé, recolheu-os na casa de pedra. Quando voltou, disse aos seus: "Agora o segredo da casa de pedra está bem guardado: deixei lá o espírito de meu pai. Qualquer pessoa que queira entrar será morta".

E desde aquele tempo ninguém violou o segredo.

Estas são as coisas que os velhos contam.

Biografia de Stradelli

Ermanno Stradelli, conde de Stradelli, nasceu em Borgotaro, Piacenza, na Itália, em 8 de dezembro de 1852. Em 1879, com 27 anos de idade, interrompeu seu curso de Direito na Universidade de Pisa e embarcou para o Brasil, a fim de conhecer o mundo amazônico. Esteve no Amazonas e Pará e navegou pelos rios Purus e seus afluentes, Juruá e Uaupés. Acompanhou a comissão brasileira do Barão de Parima, encarregada da demarcação da fronteira entre o Brasil e a Venezuela, navegando pelo rio Branco.

Em 1883, estava viajando pelo rio Jauaperi com Barbosa Rodrigues quando deflagrou a famosa revolta dos indígenas da região do alto rio Negro, causada pelo roubo e profanação de uma máscara de Jurupari. Esta revolta causou a expulsão de todas as missões religiosas franciscanas da área, que ali haviam se estabelecido a partir de 1880. Stradelli tornou-se um estudioso da Amazônia, escrevendo sobre seus indígenas, fazendo observações de interesse geográfico e descobrindo nascentes de muitos afluentes do rio Negro.

Apesar deste apego, retornou em 1885 para a Itália (segundo Câmara Cascudo, foi em 1884), onde concluiu o curso de Direito. Em 1887 regressou à América do Sul, tentando descobrir as nascentes do rio Orenoco. Chegou a Manaus navegando por este rio, em fevereiro do ano seguinte. Fixou-se nesta cidade, onde viveu, viajando, advogando, escrevendo, demarcando terras, desenhando mapas, e onde foi promotor público. Em 1893 naturalizou-se brasileiro. Estudou os costumes e as lendas da região amazônica e publicou vários trabalhos, a sua maioria no *Bollettino della Società*

Geográfica Italiana e outros, impressos em fascículos de tiragem limitada em uma tipografia de Piacenza.

Stradelli passou os últimos meses de sua vida no leprosário de Manaus, onde concluiu sua última obra "Vocabulário nheengatu-português e português-nheengatu", publicada depois de sua morte, ocorrida em 24 de março de 1926, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1929.

Bibliografia de Stradelli

STRADELLI, E. *Eiara: leggenda tupi-guarani*. Piacenza: s.n., 1885. 46 p.

_____. Un viaggio nell' Alto Orinoco. Note di viaggio. *Boll. Soc. Geogr. Ital.* Série III, v. 1, p. 715-44 e 832-54, 1888.

_____. L'Uaupés e gli Uaupés. *Boll. Soc. Geogr. Ital.*, Série III, v. 3, p. 425-53, maio, 1890.

_____. Leggenda del Jurupary. *Boll. Soc. Geogr. Ital.*, Série III, v. 3, p. 659-89 e 789-835, jul./ago. 1890. Reeditada pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo com o título: *La leggenda dell' Jurupary e outras lendas amazônicas*. São Paulo, Caderno 4, p. 15-66, 1964.

_____. Leggende del Taria. *Mem. Soc. Geogr. Ital.*, v. 6, p. 141-8, maio, 1896. Reeditada pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo com o título: *La leggenda dell' Jurupary e outras lendas amazônicas*. São Paulo, Caderno 4, p. 95-100, 1964.

_____. *Duas lendas amazônicas*. Piacenza: V. Porta Libraio Ed., 1900. 181p. Uma dessas lendas, "Pitiapo: lenda uanana", está contida na publicação do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1964 p. 67-92.

_____. O segredo das Itacoatiaras. Iscrizioni indigene della regione dell' Uaupés. *Boll. Soc. Geogr. Ital.*, n. 5, maio, 1900.

_____. Pequenos vocabulários, grupos de línguas Tocanas. *Reunião do Congr. Cient. Latin. Amer.*, 3, Rio de Janeiro. v. 6, p. 253-317, 1910.

_____. Vocabulários da língua geral português-nheengatu e nheengatu-português, precedidos de um esboço de gramática nheengatu-umbuê-sáua-miri e seguidos de contos em língua geral nheengatu porandua. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.*, t. 104, v. 158, p. 5-768, 1929.

Bibliografia consultada

CÂMARA CASCUDO, L. *Antologia do folclore brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Martins, s.d. p. 333.

_____. *Dicionário do folclore brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962. 2 v. (Verbete Stradelli, p. 708-9)

_____. *Em memória de Stradelli (1852-1926)*. Manaus: s.n., 1936. p. 69-75.

STRADELLI, E. *La leggenda del Jurupary e outras lendas amazônicas*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1964. (Caderno 4)